

**MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II**  
**PARA A CELEBRAÇÃO DO**  
**18º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS - 1984**

«As comunicações sociais, instrumento de encontro entre fé e cultura»

[Domingo, 3 de Junho de 1999]

1. O dia anual estabelecido pelo Concílio Vaticano II “para reforçar o variado apostolado da Igreja por intermédio dos meios de comunicação social”, (*Inter mirífica*, n. 18) que celebramos pela 182 vez, tem a finalidade de educar sempre melhor os fiéis nos seus deveres num setor tão importante. Nesta ocasião desejo, em primeiro lugar, exortar a cada um de vós a unir-se a mim na oração, para que o mundo da comunicação social, com os seus operadores e a multidão dos receptores, cumpra com fidelidade sua função a serviço da verdade, da liberdade, da promoção do homem integral em todos os homens.

O tema escolhido para este XVIII Dia é de grande importância: *As comunicações sociais, instrumento de encontro entre fé e cultura*. Cultura, fé, comunicação são três realidades entre as quais se estabelece uma relação da qual depende o futuro de nossa civilização, chamada a expressar-se sempre mais completamente em sua dimensão planetária.

2. A *cultura*, como já tive ocasião de dizer, (Cf. *Discurso à UNESCO*, 2 de Junho de 1980) é um modo específico do existir e do ser do homem. A cultura cria entre as pessoas de uma comunidade uma série de liames, determinando o carácter inter-humano e social da existência humana. O homem é o sujeito e o artífice da cultura, e nela se expressa e nela encontra o seu equilíbrio.

A *fé* é o encontro entre Deus e o homem: o homem responde com a fé a Deus que na história revela e realiza o seu plano de salvação, orientando a própria vida na direção desta mensagem (cf. *Rm* 10,9; *2Cor* 4,13): a fé é um dom de Deus ao qual deve corresponder a decisão do homem. Mas se a cultura é o caminho especificamente humano para aproximar-se sempre mais do ser e se, por outro lado, na fé o homem se abre ao conhecimento do Ser supremo, à imagem e semelhança de quem foi criado (cf. *Gn* 1,26), não há quem não veja a profunda relação que existe entre uma e outra experiência humana. Compreende-se, então, por que o Concílio Vaticano II quis sublinhar os “excelentes estímulos e ajuda” que o mistério da fé cristã oferece ao homem para desempenhar com maior cuidado o dever de construir um mundo mais humano, que responda à sua “vocação integral” *Gaudium et spes*, n. 57. E ainda: a cultura é por si mesma comunicação: nem só e nem tanto do homem com o ambiente que ele é chamado a dominar (cf. *Gn* 2,19-20; 1,28), como do homem com os outros homens. A cultura, de fato, é uma dimensão racional e social da existência humana; iluminada pela fé, ela exprime também a plena comunicação do homem com Deus em Cristo e, em contato com as verdades reveladas por Deus, encontra mais facilmente o fundamento das verdades humanas que promovem o bem comum.

3. Fé e cultura, portanto, são *chamadas a encontrar-se e a interagir exatamente no terreno da comunicação*: a realização efetiva do encontro e da interação, como também sua intensidade e eficácia, dependem muito da idoneidade dos instrumentos através dos quais tem lugar a comunicação. A imprensa, o cinema, o teatro, o rádio, a televisão, com a evolução que cada um destes meios sofreu no curso da história, nem sempre se revelaram adequados para o encontro entre fé e cultura. A cultura do nosso tempo, especialmente, parece dominada e plasmada pelos mais novos e poderosos entre os meios de comunicação — o rádio e, sobretudo, a televisão —, tanto que, por vezes, parecem impor-se como fins e não como simples meios, também pelas características de organização e de estrutura que exigem.

Este aspecto dos modernos *mass media*, no entanto, não deve fazer esquecer que se trata, sempre, de meios de comunicação, e que esta, por sua natureza, é sempre *comunicação de alguma coisa*: o conteúdo da comunicação, portanto, é sempre determinante e tal que qualifica a mesma comunicação. Sobre os conteúdos sempre se recomendou o senso de responsabilidade dos comunicadores, como também o senso crítico dos receptores.

4. Certos aspectos ilusórios do uso dos modernos *mass media* não devem fazer esquecer que eles, com o seu conteúdo, podem tornar-se maravilhosos instrumentos para a difusão do Evangelho, adaptados aos tempos, em condições de atingir até as regiões mais longínquas da terra. Especialmente, podem ser de grande ajuda na catequese, como lembrei na Exortação apostólica *Catechesi tradendae* ( n. 46).

Os que se utilizam dos meios de comunicação social para a evangelização, contribuindo também para construir, assim, um tecido cultural no qual o homem, consciente de seu relacionamento com Deus, torna-se mais homem, tenham, pois, mais consciência da sua alta missão; tenham a necessária competência profissional e sintam a responsabilidade de transmitir a mensagem evangélica em sua pureza e integridade, não confundindo a doutrina divina com a opinião dos homens. Os *mass media*, de fato, quer se ocupem da atualidade informativa, quer tratem de assuntos propriamente culturais, ou sejam usados para fins de expressão artística e de diversão, subentendem sempre uma determinada concepção do homem; e é exatamente com base na exatidão e na plenitude desta concepção que são julgados.

Neste ponto o meu apelo se torna aflito e se dirige a todos os operadores da comunicação social, de qualquer latitude e de qualquer religião.

Operadores da comunicação, não dêem uma imagem mutilada do homem, distorcida, fechada aos autênticos valores humanos! Abram espaço para o transcendente, que torna o homem mais homem! Não zombem dos valores religiosos, não os ignorem, não os interpretem conforme esquemas ideológicos! A informação seja sempre inspirada em critérios de verdade e de justiça, sentindo o dever de retificar e de reparar quando perceberem haver incorrido em erros. Não corrompam a sociedade e, especialmente, os jovens, com a representação intencional e insistente do mal, da violência, do aviltamento moral, fazendo uma obra de manipulação ideológica, semeando a divisão! Saibam, todos os operadores dos *mass media*, que as mensagens chegam a uma massa que é tal pelo número dos seus componentes, cada um dos quais, porém, é um homem, pessoa concreta e irrepetível, que deve ser reconhecida e respeitada como tal. Ai do que der escândalo, sobretudo aos pequeninos (cf. *Mt 18,6*)! Numa palavra: empenhem-se em promover uma cultura que vise verdadeiramente ao homem, conscientes de que, fazendo assim, facilitarão o encontro com a fé, da qual ninguém deve ter medo.

5. Um exame realista leva, infelizmente, a reconhecer que, no nosso tempo, as imensas potencialidades dos *mass media* são usadas, muito freqüentemente, contra o homem, e que a cultura dominante não atende ao encontro com a fé, quer nos países onde é permitida a livre circulação de idéias, quer onde a liberdade de expressão é confundida com a licenciosidade irresponsável. É dever de todos sanear a comunicação social e reconduzi-la aos seus nobres fins: os comunicadores atenham-se às regras de uma correta ética profissional; os críticos desenvolvam sua ação útil e esclarecedora, procurando a formação da consciência crítica dos receptores; os receptores, por sua vez, saibam escolher com atenção prudente, livros, jornais, espetáculos cinematográficos e teatrais, programas de televisão, para tirar deles ocasião de crescimento e não de corrupção; além disso, também através de oportunas formas associativas, façam ouvir a sua voz junto aos operadores da comunicação, a fim de que respeitem sempre a dignidade do homem e os seus inalienáveis direitos. E, com as palavras do Concílio Vaticano II, lembro que “os mesmos” poderes públicos, que com justiça se interessam pela saúde física dos cidadãos, têm o dever de providenciar, com justiça e diligência, mediante a promulgação de leis e a sua eficaz aplicação, que o abuso destes meios de comunicação não prejudiquem a moralidade pública e o progresso da sociedades (*Inter mirifica*, n. 12).

6. De fato, uma vez que no início da comunicação há um *homem-comunicador* e no seu final, um *homem-receptor*, os meios de comunicação social facilitarão o encontro entre a fé e a cultura quanto mais favorecerem o encontro das pessoas entre si, para que não se forme uma massa de indivíduos isolados, em que cada um esteja em diálogo com o papel ou com o palco, ou com a tela, pequena ou grande, mas uma comunidade de pessoas conscientes da importância do encontro com a fé e com a cultura e decididas a realizá-lo através do contato *pessoal*, na família, no local de trabalho, nas relações sociais. Cultura e fé, que encontram nos *mass media* úteis e, por vezes, indispensáveis auxílios, diretos ou indiretos, circulam no diálogo entre pais e filhos, enriquecem-se pelo trabalho de professores e educadores, desenvolvem-se pela ação pastoral direta, até o encontro pessoal com Cristo presente na Igreja e nos seus sacramentos.

Com a intercessão de Maria Santíssima, invoco sobre todos os operadores da comunicação social e sobre a imensa comunidade dos receptores, as graças celestes, das quais minha bênção apostólica é propiciadora, a fim de que, cada um no próprio papel, se empenhe por fazer com que as comunicações sociais sejam instrumentos sempre mais eficazes de encontro entre fé e cultura.

*Cidade do Vaticano, 24 de Maio de 1984.*

**PAPA JOÃO PAULO II**

Copyright © Libreria Editrice Vaticana